

REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA, IDENTIDADE E ALTERIDADE: ENTREVISTA EM ANÁLISE

Jaqueline de Jesus Bezerra¹

Doutoranda em Letras na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Maria Eliete de Queiroz²

Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

RESUMO

Este artigo focaliza a representação discursiva de si, categoria de análise do nível do texto, da Análise Textual dos Discursos (ATD) com base em Adam (2011), dialogando com os construtos da identidade e da alteridade, por meio, sobretudo, de Bakhtin (1997). O objeto de investigação é a entrevista de Marielle Franco³ concedida ao *site* Brasil de Fato. Objetivamos analisar as construções identitárias através de representações discursivas de si, por meio da referenciação, de seus modificadores e da predicação, relacionadas à alteridade. A pesquisa é documental e qualitativa. Percebemos representações identitárias de Marielle Franco como mulher negra, resistente, lutadora, engajada.

Palavras-chave: Representação discursiva. Identidade. Alteridade. Marielle Franco.

Introdução

Construir representação discursiva contribui, simultaneamente, também para a construção e para a afirmação da identidade, a qual tem relação direta com a alteridade. Nessa direção, nosso objetivo geral neste trabalho é analisar como a referenciação, seus modificadores e a predicação constroem as representações discursivas de Marielle Franco e conseqüentemente, a identidade, relacionando-as à alteridade por meio da entrevista que Marielle Franco concedeu ao *site* Brasil de Fato. Nossos objetivos específicos são apresentar conceitos e caracterizações da representação discursiva, da identidade e da alteridade, bem como discutir sobre esses termos à luz da contribuição de diversos estudiosos.

O *corpus* se constitui do discurso de Marielle Franco na entrevista intitulada “Ser mulher negra é resistir e sobreviver o tempo todo”, que foi coletada no *site* Brasil de Fato⁴. A entrevista

¹ Endereço eletrônico: linnebezerra@gmail.com

² Endereço eletrônico: eliete_queiroz@yahoo.com.br

³ Marielle Franco, assassinada em 14/03/2018, era Vereadora da Câmara do Rio de Janeiro pelo PSOL, presidiu a Comissão da Mulher da Câmara, era socióloga e mestra em Administração Pública. Militou pelos direitos humanos, das mulheres e dos negros e atuou em organizações como o Centro de Ações Solidárias da Maré.

⁴ <https://www.brasildefato.com.br/2018/03/15/marielle-franco-or-ser-mulher-negra-e-resistir-e-sobreviver-o-tempo-todo/>

exclusiva deu-se em março de 2017, durante a jornada de lutas das mulheres, com pauta sobre o feminismo, o racismo e sobre algumas propostas do mandato de Marielle Franco. Foi publicada em 15 de março de 2018, dia posterior ao assassinato da vereadora, no Rio de Janeiro. A importância desse *corpus* se deve ao fato de representar uma discussão sobre o feminismo e sobre o movimento negro, já que Marielle Franco era ativista desses movimentos, os quais marcam sua identidade de mulher negra e feminista.

A relevância deste trabalho está principalmente no fato de que ele contribui para que se tenha mais uma visão acerca da identidade e da alteridade, a partir da relação com a representação discursiva. Além disso, pode ser uma contribuição para outras reflexões e abordagens do tema em estudo.

Esta pesquisa é caracterizada como documental, uma vez que a entrevista em análise constitui um documento de relevância através do qual é possível conhecer as lutas e os ideais de Marielle Franco. “A pesquisa documental baseia-se em materiais que não receberam ainda um tratamento analítico ou que podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa”. (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 55). Logo, tratamos analiticamente a entrevista em questão. Além disso, a abordagem é qualitativa, uma vez que “a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo [...]” desse tipo de pesquisa. (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 70). Assim, fazemos interpretações e atribuímos significados por meio da análise realizada.

Após esta introdução, a seguir, apresentamos e discutimos sobre a representação discursiva e sua caracterização. Na seção seguinte, tecemos a discussão sobre a identidade e a alteridade. Depois, trazemos a análise do *corpus* selecionado relacionando a representação discursiva à identidade e à alteridade. Em seguida, elencamos as considerações finais e listamos as referências.

Representação discursiva

A representação discursiva é um dos níveis de análise proposto por Jean-Michel Adam (2011) na Análise Textual dos Discursos (ATD). A ATD surgiu na Linguística Textual (LT) e se situa teórico-metodologicamente na Análise do Discurso, articulando, desse modo, texto e discurso. De acordo com Queiroz (2013, p. 28), a ATD “amplia os estudos da LT ao lado dos estudos do discurso, propondo níveis de análise e de interpretação de textos, para além dos

aspectos linguísticos”. Isso significa que nesse campo teórico parte-se do linguístico para se chegar às análises e interpretações.

Consoante Adam (2011, p. 24), a ATD é uma abordagem teórica e descritiva da LT que associa texto e discurso pensando-os com base em novas categorias, compreendendo a LT inserida no “quadro mais amplo da análise do discurso”. Assim, a ATD interliga Linguística Textual e Análise do Discurso.

Abaixo está o esquema proposto por Adam (2011) no qual estão os níveis de análise do texto e os níveis de análise do discurso da ATD. São oito os níveis de análise, cinco voltados ao texto e três voltados ao discurso, mas interligados. O nível 1 é o da análise da ação visada e dos objetivos, o nível 2 é o da análise da interação social, o nível 3 analisa a formação sociodiscursiva. O nível 4 analisa a textura e suas proposições, enunciados e períodos, o nível 5 é o de análise da estrutura composicional, compreendendo as sequências e os planos de texto, o nível 6 é o nível semântico de análise da representação discursiva, o nível 7 analisa a responsabilidade enunciativa e a coesão polifônica da enunciação e o nível 8 analisa o valor ilocucionário e a orientação argumentativa dos atos de discurso, conforme se vê a seguir:

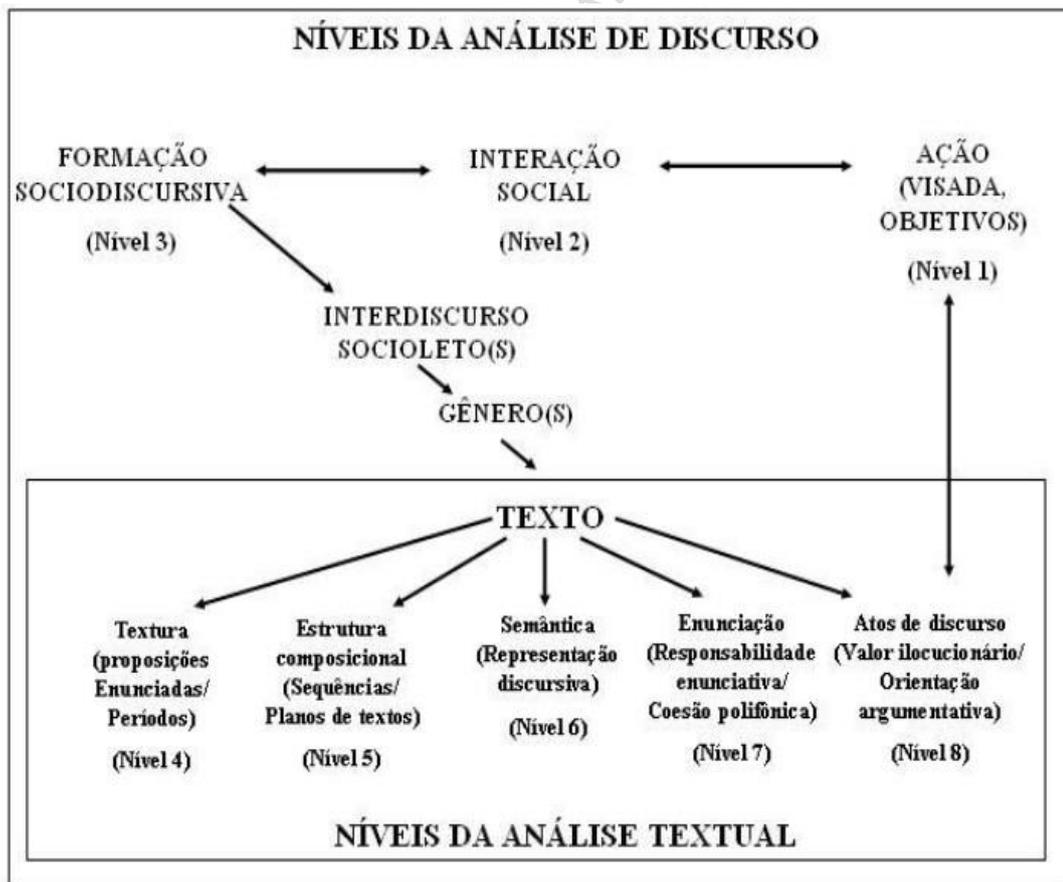


Figura 1: Esquema 4: Níveis ou planos de discurso

Fonte: Adam (2011, p. 61)

Interessa-nos o nível semântico da representação discursiva (Nível 6). Segundo Queiroz (2013, p. 49), “a representação discursiva se constrói e é construída a partir de um enunciado mínimo proposicional, composto de sintagma nominal e de um sintagma verbal até um grande bloco de microunidades representacionais, formado por períodos, parágrafos e sequências.” O enunciado mínimo proposicional ou proposição é uma unidade mínima de sentido formada por um sujeito e um predicado. (ADAM, 2011). Logo, a representação discursiva se constrói linguisticamente, através de sintagmas, por meio da textura.

Em relação à representação discursiva, Adam (2011) ampara-se em Grize no que se refere à esquematização. De acordo com Grize (1996 *apud* Silva, 2015, p. 54), “uma esquematização tem por função fazer alguém ver alguma coisa, mas precisamente, é uma representação discursiva orientada para um destinatário sobre como seu autor concebe ou imagina uma determinada realidade.” Isso significa que o locutor é quem constrói o esquema ou a representação discursiva de acordo com sua visão da realidade remetendo a um locutário. Nesse sentido, o autor considera que, discursivamente, toda esquematização ou representação constrói a imagem do locutor, do alocutário e do tema abordado.

Queiroz (2013, p. 54) coloca que “a representação discursiva do locutor é a imagem que se faz de si mesmo”, a representação discursiva do alocutário é “a imagem que o locutor faz do alocutário” e que “a representação do tema é o conteúdo do texto, as informações elaboradas, veiculadas e interpretadas por um agente locutor e reinterpretadas pelos seus interlocutores.” Desse modo, o locutor constrói os três tipos de representação por meio dos recursos linguísticos. Tais recursos que o locutor utiliza para a construção das representações tratam-se das seguintes operações ou categorias semânticas: referenciação, predicação, modificação, localização, conexão e analogia. (SILVA, 2015).

Privilegiamos para análise da representação discursiva de si a referenciação e seus modificadores e a predicação. Utilizamos neste contexto a definição dada por Queiroz (2013, p. 66) que compreende e defende a referenciação “como a designação dos referentes (coisas, objetos, sujeitos de ações, processos), ou seja, aquela que nomeia os participantes do processo da ação verbal”. Segundo a autora, “os modificadores da referenciação desempenham a função de atributos, são qualificadores que sinalizam a representação semântica do locutor [...]. São expressões lexicais que exercem a função de predicativo ou de adjunto”. (QUEIROZ, 2013, p. 89).

Também adotamos aqui a definição de predicação dada por Queiroz (2013, p. 66): “é o que gramaticalmente chamamos de predicados verbais e nominais que se encarregam de estabelecer as relações entre o referente e os processos desenvolvidos por ele. A predicação se manifesta por meio de verbos ou expressões verbais”.

Na próxima seção, trazemos a discussão sobre identidade e alteridade.

Identidade e alteridade

Silva (2012, p. 74) afirma que “parece ser fácil definir ‘identidade’. A identidade é simplesmente aquilo que se é: ‘sou brasileiro’, ‘sou negro’, ‘sou heterossexual’, ‘sou jovem’, ‘sou homem’.” No entanto, a identidade abrange uma conceituação bem mais ampla e o próprio Silva (2012, p. 77) a relaciona à diferença, afirmando que são interdependentes e, ainda, que resultam de uma criação linguística:

[...]É apenas por meio de atos de fala que instituímos a identidade e a diferença como tais. A definição da identidade brasileira, por exemplo, é o resultado da criação de variados e complexos atos linguísticos que a definem como sendo diferente de outras identidades nacionais.

Complementando a afirmação de que a identidade é criada linguisticamente, Marchezan (2012, p. 123) diz que “a identidade do sujeito se processa por meio da linguagem, na relação com a alteridade”. Além da identidade, a diferença também é criação linguística. O diferente é o outro. Isso significa que a identidade é construída através da alteridade, a qual é o estado do que é diferente, do que é outro. Nesse sentido, confirmamos, por meio de Bakhtin (1997), que “o indivíduo não existe fora da alteridade” (BAKHTIN, 1997, p. 185) e que “nossa individualidade não teria existência se o outro não a criasse”. (BAKHTIN, 1997, p. 55).

De acordo com Miotello e Moura (2013, p. 49), “identidade é o que define o Eu.” Os autores ainda afirmam que “a constituição do Eu sempre é concessão do outro”. (MIOTELLO; MOURA, 2013, p. 50). Isso significa que o Eu não se constitui sozinho, ele depende do outro para se constituir, estando, dessa forma, a identidade diretamente ligada à alteridade. Nessa perspectiva, trazemos novamente Miotello e Moura (2013, p. 53), baseados em Bakhtin, com a seguinte informação:

A Identidade tem que ser construída pela Alteridade. O projeto moderno de Identidade (Eu penso) estava falido; era urgente, para Bakhtin, construir um

projeto novo, que partisse pelo outro lado – EU SOU PENSADO. O Outro pensa em mim. Seu pensar me arranca do meu nada e me constitui sujeito na relação com ele e com outros.

Assim, não se pode falar de identidade sem se falar de alteridade, uma vez que eu e outro são intrinsecamente relacionados. O sujeito constrói sua identidade a partir do diálogo com outros sujeitos. Reitera-se a relação entre identidade e alteridade nesta afirmação de Bakhtin (1997, p. 378):

Tudo o que me diz respeito, a começar por meu nome, e que penetra em minha consciência, vem-me do mundo exterior, da boca dos outros (da mãe, etc.), e me é dado com a entonação, com o tom emotivo dos valores deles. Tomo consciência de mim, originalmente, através dos outros: deles recebo a palavra, a forma e o tom que servirão para a formação original da representação que terei de mim mesmo. [...]. Assim como o corpo se forma originalmente dentro do seio (do corpo) materno, a consciência do homem desperta envolta na consciência do outro.

Nesse ponto de vista, nome, consciência, identidade constituem-se a partir do mundo exterior, que é o outro, com o qual se convive desde que se nasce. A palavra, a forma, o tom, ou seja, a linguagem do outro, forma a representação que temos de nós mesmos. Assim, concordamos também com Pucci (2011, p. 48), ao dizer que “[...] a relação de alteridade é presente desde o mais tenro momento em que tomamos consciência de nós mesmos e é condição *sine qua non* para a identidade do eu”. Percebe-se que o pensamento da autora dialoga com o pensamento de Bakhtin disposto acima.

A identidade não se mantém a mesma por toda a vida, ela é mutável e se reconstrói na interação com o outro, consoante se pode confirmar pelas palavras de Cardoso e Sousa (2012, p. 153) ao dizerem que “o discurso é o meio pelo qual o sujeito interage com o outro, avalia a si mesmo e avalia os demais, precipita a pensar de que maneira o outro pensa dele, provocando um processo ininterrupto de construção e reconstrução de identidades”. À medida que se identifica com o outro, com sua consciência, com seus valores e suas ideias, a identidade se reconstrói.

O outro exerce uma influência tamanha sobre nós de modo que nos julgamos do ponto de vista dele. (BAKHTIN, 1997). Para Bakhtin (1997, p. 36), “chegamos a levar em conta o coeficiente de valor com que a nossa vida se apresenta aos outros”, por conseguinte, o que somos é resultado da nossa interação com o outro.

A identidade também é construída e/ou reconstruída através do que o outro vê em nós que não vemos, ou seja, há coisas que só o outro pode ver em mim e vice-versa. Em relação a isso, trazemos novamente Bakhtin (1997, p. 43) com a seguinte afirmação:

Quando contemplo um homem situado fora de mim e à minha frente, nossos horizontes concretos, tais como são efetivamente vividos por nós dois, não coincidem. Por mais perto de mim que possa estar esse outro, sempre verei e saberei algo que ele próprio, na posição que ocupa, e que o situa fora de mim e à minha frente, não pode ver: as partes de seu corpo inacessíveis ao seu próprio olhar - a cabeça, o rosto, a expressão do rosto -, o mundo ao qual ele dá as costas, toda uma série de objetos e de relações que, em função da respectiva relação em que podemos situar-nos, são acessíveis a mim e inacessíveis a ele.

Muito do que os outros são e/ou transparecem, não queremos ser. A identidade se constitui também quando não se quer ser como o outro. Nesses termos, concordamos com Ferreira e Celestino (2017, p. 33) ao afirmarem que “a idealização da diferença constrói no sujeito sua própria identidade. Somos diferentes do outro, portanto, somos o que não é o outro”. Em relação a isso, acrescentamos mais uma afirmação dos autores:

O princípio de alteridade constitui-se nesta relação de consciência do outro. A construção da consciência identitária do sujeito é fortalecida pelo robustecimento da consciência do outro. Neste aspecto, há implicações, uma vez que o sujeito se reconhece semelhante ou diferente do outro. A semelhança nasce do compartilhamento, mesmo que parcial, de motivações, finalidades e intenções idênticas. As diferenças, por sua vez, provêm da singularidade que cada um, dentro de sua representação social, desempenha. Portanto, nesse caso, as motivações, finalidades e intenções são distintas. (FERREIRA; CELESTINO, 2017, p. 33).

Desse modo, podemos dizer que reconhecer-se semelhante ou reconhecer-se diferente do outro é também uma forma de construir a identidade, compartilhando as mesmas motivações, finalidades e intenções do outro ou defendendo sua singularidade, mostrando-se assim diferente desse outro.

A identidade, além de ser construída pela relação de alteridade, também é construída pela representação discursiva de si, uma vez que representações discursivas são imagens produzidas, as quais marcam a identidade de quem fala. No próximo tópico, analisamos a relação entre esses três elementos.

Representação discursiva de si, identidade e alteridade em análise

Nesta seção, analisamos como a referenciação, seus modificadores e a predicação constroem as representações discursivas de Marielle Franco e simultaneamente marcam sua identidade, relacionando tal construção à alteridade. As operações semânticas referenciação, modificação e predicação permitem-nos visualizar o perfil que Marielle Franco produz de si, seus objetivos e valores, os quais constroem sua identidade, amparada na relação com a alteridade.

Escolhemos para a análise da construção das representações discursivas de si os referentes, destacados em negrito, “mulher” e “mulheres”, com função de sujeito ou de complemento; “nós”, que também desempenha a função de sujeito, expresso e elidido, e o pronome “nos”, que funciona como complemento. Os modificadores dos referentes estão em itálico. Quanto à predicação, selecionamos verbos que se encontram na primeira pessoa do plural, destacados em negrito e sublinhados. Vejamos como atuam esses operadores na entrevista, disposta logo abaixo:

Brasil de Fato: Por que ainda é importante discutir o feminismo hoje?

Marielle: Para garantir que as **mulheres** não estejam em posições secundárias. Para evitar o status que muitos querem **nos** colocar *de invisibilidade*. Para que **nós** possamos ocupar espaços em que sejamos *protagonistas*. No dia 08 de março, é importante ir para as ruas, tornar público nosso discurso, porque à medida em que têm **mulheres** fazendo a fala, o debate sobre feminismo, gênero, racismo está em jogo e faz a diferença.

Nessa resposta de Marielle Franco, o referente “mulheres”, no qual a locutora se inclui, reforça a posição de importância da mulher e de seu ativismo. A locução adjetiva “de invisibilidade” é modificadora do referente “nos” e o predicativo “protagonistas” é modificador do referente “nós”, o qual representa o efeito contrário buscado para a condição de invisibilidade na qual querem colocar as mulheres. Os verbos “possamos” e “sejamos” mostram, respectivamente, uma ação e um estado nos quais Marielle Franco está inserida, encontram-se no modo subjuntivo, expressando assim um desejo de realização.

Assim, a representação discursiva construída é a identidade marcada nesse discurso de mulher feminista, que representa e luta por outras mulheres, por visibilidade, por protagonismo. A identidade de mulher é marcada no plural, indicando a relação de alteridade, “mulheres”, uma vez que essa mulher fala em nome de outras e busca a visibilidade que outros não aceitam

ou querem tirar. A construção dessa identidade e da relação de alteridade pode ser explicada por Bakhtin (1997), ao afirmar que o outro constitui nosso ser, ou seja, a mulher Marielle Franco é constituída por outras mulheres. A seguir, trazemos a segunda pergunta e a segunda resposta da entrevista em análise:

Recentemente você relatou em sua página do *Facebook* o caso de racismo que sofreu no aeroporto com uma revista abusiva. Como é ser mulher negra no Brasil?

Ser **mulher** negra é resistir e sobreviver o tempo todo. As pessoas olham para os nossos corpos **nos** diminuindo, investigam se debaixo do turbante tem droga ou piolho, negam a nossa existência. Isso que passei no aeroporto foi uma vivência que muitas **mulheres** negras já passaram. Poderíamos fazer uma pesquisa objetiva perguntando quantos **mulheres** e homens *brancos* já tiveram os seus cabelos revistados, a resposta seria nenhum. **Estamos** *expostos* e **somos** *violentados* todos os dias. Para que a discussão se amplie é fundamental compreender que **estamos** em um lugar de tratamento diferente. É preciso reconhecer o racismo.

Na segunda resposta de Marielle Franco, o referente “mulher” e sua retematização “mulheres” são modificados por “negra”/“negras” e “brancos”, sinalizando a condição de diferença, condição confirmada por Woodward (2012, p. 9) ao afirmar que “a identidade é marcada pela diferença”. As formas verbais “estamos” e “somos” e o referente “nós” mostram Marielle Franco como mulher resistente à exposição e violência à qual está sujeita. Os modificadores “expostos” e “violentados” denunciam essa situação de exposição e de violência na qual os negros se encontram no Brasil, por serem vítimas de racismo em situações semelhantes à que Marielle Franco viveu, a qual teve seu corpo e seus cabelos revistados no aeroporto de Brasília; por serem menosprezados porque são negros e serem mortos pela cor da pele, muitas vezes confundidos com bandidos, conforme se sabe, por exemplo, através dos noticiários. O predomínio do tempo presente e do modo indicativo apontam para o estado atual das mulheres negras e dos negros, em geral, do Brasil.

Logo, a referenciação e a predicação constroem a sua identidade por meio da representação discursiva de mulher negra, sobrevivente, construções relacionadas ao outro, uma vez que ela, Marielle Franco, e outras mulheres negras resistem e sobrevivem ao preconceito do outro, são diminuídas pelo outro, têm suas existências negadas pelo outro, são expostas e

violentadas diariamente pelo outro, pelo diferente, principalmente por brancos, o que ocorre devido à sociedade visivelmente excludente em que vivemos, na qual o diferente é excluído e vítima de preconceito por não seguir ou por não estar dentro dos “padrões” exigidos. Vejamos a resposta de Marielle Franco à terceira pergunta da entrevista:

As mulheres trabalham em média 7,5 horas a mais que os homens por semana, segundo pesquisa divulgada essa semana pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Ainda assim a reforma da Previdência propõe que trabalhem a mesma quantidade de anos para aposentar. Como avalia essa proposta?

Como querem tratar as mulheres de maneira igual para aposentar se já **somos** tratadas de maneira desigual todos os dias? Nós, **mulheres**, **estamos** na base da pirâmide, com os menores salários, trabalhando em jornadas duplas e ainda querem tratar a gente de maneira igual para a aposentadoria. É um discurso de igualdade só quando serve aos interesses deles. Temos que lembrar que **estamos** em condição subalternizada, não só pelo simbólico. Os dados objetivos das pesquisas estão mostrando isso. Infelizmente as **mulheres** ainda estão em situação vulnerável.

Na resposta acima, Marielle Franco reforça o referente “mulheres” na sua fala, incluindo-se nessa construção identitária e denunciando a posição de inferioridade, os salários baixos e as jornadas duplas, a vulnerabilidade feminina. Os predicados “somos tratadas de maneira desigual”, “estamos na base da pirâmide, com os menores salários” e “estamos em condição subalternizada” apontam o tratamento desigual dado à mulher e a condição de subalternas na sociedade. O tempo presente, nessas predicções, tem o papel de mostrar a situação das mulheres na sociedade de hoje.

Vê-se, então, que Marielle Franco constrói a representação discursiva de uma mulher vítima de desigualdade, assim como todas as mulheres, já que recebem menores salários, têm jornadas duplas de trabalho e devem trabalhar igualmente aos homens para se aposentarem, como propõe a Reforma da Previdência, mas que não se cala diante das injustiças, afirmando a identidade de mulher que batalha por justiça. A relação de alteridade aparece nesse discurso se considerando que a desigualdade, a condição subalternizada e a vulnerabilidade no que diz respeito à mulher ocorrem devido ao outro, que, segundo Pucci (2011, p. 43), “define e organiza quem sou.” Em seguida, está o quarto questionamento da entrevista e a respectiva resposta:

Na Semana Internacional da Mulher, em que você teve várias atividades de conversa sobre feminismo nas ruas do Rio de Janeiro, como tem sido a receptividade dessas conversas?

Fizemos panfletagens, aula públicas e conversas. Na maioria das vezes **tivemos** adesão boa, mas sempre tem nível de resistência, infelizmente. Acho que, de modo geral, as pessoas estão muito receosas sobre a política mais ampliada. Então há uma negação aos panfletos pelo partido e posições políticas. Mas, sobre a pauta do feminismo, quando **falamos** da retirada de direitos sobre a vida das mulheres, há uma identificação. Se pararmos para pensar, quem mais sofre com a reforma da Previdência, por exemplo? São as **mulheres** mais *pobres*, que mais estão fazendo trabalhos terceirizados e braçais. Então, quando **conversamos** sobre isso, são temas que as mulheres param e prestam atenção. **Conseguimos** dialogar.

Nessa resposta de Marielle Franco, os verbos “fizemos”, “tivemos”, “falamos”, “conversamos”, “conseguimos”, cujo sujeito é “nós”, mostram ações realizadas em favor das mulheres, cumprindo o papel de apresentar objetivos alcançados. O referente “mulheres” é modificado no discurso de Marielle Franco pelo adjunto “pobres”, estas as que mais serão penalizadas pela Reforma da Previdência, conforme sua afirmação na entrevista. Por conseguinte, a representação discursiva e a identidade construídas são de uma mulher engajada, comprometida com a causa do feminismo e com a luta contra a perda de direitos. Engajamento e lutas que são resistidos e negados por outros, que se encontram em condição de diferença em relação a essas mulheres, pois como afirma Woodward (2012, p. 42), “a diferença é aquilo que separa uma identidade da outra, estabelecendo distinções, frequentemente na forma de oposições, [...]”. Essas oposições são a negação dos direitos e das necessidades das mulheres. Segue a quinta pergunta feita a Marielle Franco:

Como funciona na prática o projeto de lei proposto por você na Câmara Municipal “Pra fazer valer o Aborto Legal”?

É um programa que traz um tema polêmico, mas não **estamos** defendendo no âmbito municipal a legalização do aborto, apesar de essa ser uma pauta do Psol nacionalmente. O que **estamos** propondo aqui é a garantia do serviço públicos de atendimento à **mulher**. No caso de ser vítima de estupro, correr risco de vida, estar grávida de feto anencéfalo, a **mulher**

tem direito ao aborto por isso deve receber assistência adequada. **Queremos** fazer com que os profissionais recebam qualificação para que não criminalizem mais as **mulheres**, independente da opinião individual que tenham. **Precisamos** romper com essa lógica. O Estado tem que garantir que a **mulher** receba atendimento adequado, se não ela terá que sentir um duplo sofrimento ao abortar. Já **temos** mais de 8.300 mil assinaturas apoiando o projeto.

Na penúltima resposta, os verbos “estamos”, “queremos”, “precisamos”, “temos”, mostram uma certeza do que se defende, do que se propõe, do que se deseja e do que é preciso realizar para garantir a saúde das mulheres. Os referentes “mulher” e “mulheres”, nesse fragmento, aparecem em posição de vítimas e de prioridade de atendimento, de terem direito a assistência adequada. Percebemos a representação discursiva e a identidade de Marielle Franco como uma mulher preocupada com a saúde e o bem-estar de outras mulheres, colocando-se no lugar delas, desempenhando, como vereadora, o papel de aprovar projetos que visem à garantia de um atendimento adequado às mulheres que precisem abortar.

A alteridade, nesse discurso de Marielle Franco, é marcada pela empatia em relação às mulheres que não recebem assistência adequada em casos de aborto. Dialogando com Bakhtin (1997, p. 46), podemos perceber a representação discursiva, a identidade e a relação de alteridade no discurso de Marielle Franco na afirmação do autor de que “quando me identifico com o outro, vivencio *sua* dor precisamente na categoria do *outro*, e a reação que ela suscita em mim não é o grito de dor, e sim a palavra de reconforto e o ato de assistência”. Dessa maneira, nesse fragmento, Marielle Franco constrói sua identidade a partir da identificação com a dor do outro. Vejamos, por fim, a resposta da última pergunta da entrevista:

Que outros projetos seu mandato tem voltados para as mulheres?

O espaço coruja, que é creche estendida ao horário noturno. Não é um projeto só para as mulheres é para as famílias, mas **sabemos** que a responsabilidade com os filhos ainda recai quase exclusivamente sobre a **mulher** no Brasil. **Avançamos** também no debate sobre a visibilidade das mulheres *trans*, ao exigirmos o reconhecimento da identidade social de uma de nossas assessoras parlamentares na Assembleia Legislativa. **Estamos** fazendo um estudo

para identificar as demandas e poder fazer mais pelas mulheres. O mandato está apenas começando.

Na última resposta de Marielle Franco, as formas verbais “sabemos”, “avancamos” e “estamos”, indicam novamente convicção acerca da condição e da posição que a mulher ocupa na sociedade. O referente “mulher”, que ainda tem responsabilidade exclusiva sobre os filhos, marca a diferença em relação ao homem que não se sente nessa obrigação.

Percebemos a representação discursiva da identidade de Marielle Franco novamente como mulher que luta pelas mulheres, através da elaboração de projetos que visem a seu bem-estar e ao bem-estar das famílias. Novamente, vemos a preocupação com o outro, tanto em relação ao projeto que beneficia famílias, quanto em relação ao debate relacionado à visibilidade das mulheres *trans* que não têm sua identidade social reconhecida. Podemos perceber essa representação discursiva no discurso de Marielle Franco relacionada à afirmação de Bakhtin (1997, p. 16) ao dizer que “saber que o outro pode ver-me determina radicalmente a minha condição”, isto é, se as mulheres veem sua preocupação e sua luta por elas e se sentem representadas, sua responsabilidade aumenta.

Considerações finais

Das discussões, pudemos apreender conceitos e características da ATD, da representação discursiva, da identidade e da alteridade. Ademais, constatamos que o discurso, expresso por meio da linguagem, produz a representação discursiva, a qual constrói a identidade, que depende da alteridade, já que interagimos com o outro também por meio da linguagem.

As representações discursivas construídas, através dos elementos referenciais, juntamente com as identidades marcadas de Marielle Franco, como mulher, feminista, que fala em nome das outras mulheres e luta por elas para que sejam visíveis e protagonistas, batalhadora, negra, resistente, sobrevivente, vítima de desigualdade, que denuncia injustiças, engajada, comprometida e preocupada com as outras mulheres faz-nos conhecer Marielle Franco, suas lutas, princípios e ideais, bem como nos revela que essas imagens identitárias são construídas por influência ou definição do outro, marcando a relação com a alteridade. As representações discursivas construídas são imagens da própria identidade, do papel assumido

por Marielle Franco frente a suas lutas pelas causas feministas, negras e pelos direitos das mulheres.

Compreendemos ainda a identidade como uma caracterização de si, formada pela imagem ou representação discursiva e concluímos que a identidade não é imutável, nem fixa, ela é mutável e reconstruída de acordo com a situação, com as transformações pelas quais o sujeito passa, com os conhecimentos que adquire, com as relações estabelecidas com o outro, estando imbricada à alteridade, de modo que não se deve abordar apenas identidade, mas identidade-alteridade.

Referências

ADAM, J-M. **A Linguística Textual**: introdução à análise textual dos discursos. Tradução de Maria das Graças Soares Rodrigues, João Gomes Silva Neto, Luis Passegi e Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin. São Paulo: Cortez, 2011.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CARDOSO, C. E.; SOUSA, A. P. A formação da identidade social na perspectiva bakhtiniana da linguagem. **Revista de Letras**. Vitória da Conquista, v. 4, n. 2, p. 147-160, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/folio/article/view/3400/2822>. Acesso em: 10 abr. 2019.

FERREIRA, A.; CELESTINO, R. Discurso e humor: a constituição do *ethos* em piadas étnico-raciais. **Verbum**. São Paulo, v. 6, n. 3, p. 31-48, mar. 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/verbum/article/view/30455/22106>. Acesso em: 10 abr. 2019.

FRANCO, M. “Ser mulher negra é resistir e sobreviver o tempo todo”. **Brasil de Fato**, Rio de Janeiro, 15 abr. 2018. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/03/15/marielle-franco-or-ser-mulher-negra-e-resistir-e-sobreviver-o-tempo-todo/>. Acesso em: 9 nov. 2018.

MARCHEZAN, R. C. Diálogo. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MIOTELLO, V.; MOURA, M. I. Pensando questões sobre a alteridade e a identidade. In: MIOTELLO, V.; SCHERMA, C. C.; TURATI, C. (org.). **Palavras e contrapalavras**: circulando pensares do Círculo de Bakhtin. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013. p. 49-65.

PRODANOV, C. C; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>. Acesso em: 8 nov. 2019.

PUCCI, R. Questões de alteridade e identidade. **Impulso**. Piracicaba. 21(51), p. 43-49, jan.-jun. 2011. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/impulso/article/view/517/548>. Acesso em: 10 abr. 2019.

QUEIROZ, M. E. **Representações discursivas no discurso político.** “Não me fiz sigla e legenda por acaso”: o discurso de renúncia do senador Antônio Carlos Magalhães (30/05/2001). 2013. 187f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

SILVA, A. A. **Representações discursivas sobre Lampião e seu bando em notícias de jornais mossoroenses (1927):** “O mais audaz e miserável de todos os bandidos” e o seu grupo de asseclas. 2015. 212f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. *In:* SILVA, T. T. (org.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos Estudos Culturais. 11. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In:* SILVA, T. T. (org.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos Estudos Culturais. 11. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

REPRESENTACIÓN DISCURSIVA, IDENTIDAD Y ALTERIDAD: ENTREVISTA EN ANÁLISIS

RESUMEN

Este artículo se centra en la representación discursiva de sí, categoría de análisis del nivel del texto, del Análisis Textual de los Discursos (ATD) con base en Adam (2011), dialogando con los constructos de la identidad y de la alteridad, por medio, sobre todo, de Bakhtin (1997). El objeto de investigación es la entrevista de Marielle Franco concedida al sitio Brasil de Hecho. Objetivamos analizar las construcciones identitarias a través de representaciones discursivas de sí, por medio de la referenciación, de sus modificadores e de la predicación, relacionadas a la alteridad. La investigación es documental y cualitativa. Percibimos representaciones identitarias de Marielle Franco como mujer negra, resistente, luchadora, comprometida.

Palabras-clave: Representación discursiva. Identidad. Alteridad. Marielle Franco.

Envio: abril/2019

Aceito para publicação: agosto/2019